

## **Imaginação como criação e imaginação como produção: um diálogo sobre o imaginário social a partir de Castoriadis.**

**Marcus Vinícius Monteiro Pedroza Machado**

Doutorando em Filosofia na UERJ

<http://lattes.cnpq.br/9167179844223689>

marcuspedroza@gmail.com

139

Esta comunicação toma como fio condutor a distinção entre duas noções que a filosofia trabalha quando fala sobre a imaginação, que se materializam no debate entre Paul Ricouer e Cornelius Castoriadis. O cerne da questão não está na palavra em si mesma, mas naquilo que ela significará para cada filósofo; Ricouer defende que o ser humano produz sentido, pois ele não é instituído de todo, mas é instituído a partir de um manancial comum já posto. Existiria um manancial de significações pré-estabelecidas que a imaginação recombina e refaz em um movimento infinito. Castoriadis apresenta a criação em um momento anterior, daí a escolha do termo. A criação de significações imaginárias acontece do zero, a própria instituição é realizada pelos seres humanos para os seres humanos – conforme defende Castoriadis inúmeras vezes e uma vez mais na obra *Diálogo sobre a História e o imaginário social*.

Imaginar um caldo comum de onde brotam as significações imaginárias do mundo é uma explicação plausível para o sem número de semelhanças entre as civilizações humanas divididas no tempo e no espaço. Isso, contudo, não explica as diferenças de noções fundamentais que separam alguns modelos civilizatórios de outros e que criam grandes abismos, por muitas vezes, intransponíveis e, assim, intraduzíveis de significação. É essa a razão de ser de sua investigação que ganha forma em *A instituição imaginária da Sociedade*. Nessa obra, Castoriadis esclarece aquilo que ele entende como uma força motriz da instituição imaginária da sociedade que é justamente a instituição do mundo realizada pelos seres humanos a partir da criação. Em todas as oportunidades que traz a questão da criação, ele enfatiza a característica que é uma criação “do nada”. Para qualificar essa característica cabe trazer como ele fundamenta essa afirmação: quando afirma que algo é fruto de criação significa dizer que ele não é uma consequência lógica das instituições imaginárias antes delineadas, nesse sentido que o “nada” aparece.

O mundo social se constitui em um movimento criador e é posto como uma potência necessária e indissociável de existir. Cada sociedade necessita dessas criações e criam de maneira distinta.

A criação social é necessariamente anônima e é assim que as sociedades criam a si mesmas e se automodificam ao longo do tempo. Logo, o objetivo dessa comunicação é trazer o caráter criativo do imaginário social defendido por Castoriadis para dialogar com as dificuldades de se lidar com o imaginário social que se apresenta cristalizado nas sociedades humanas e que são apresentados como os únicos horizontes possíveis. Discutindo como o mundo muda ou que mundos possíveis ainda virão e que ferramentas estão disponíveis para que esse diálogo aconteça de uma perspectiva eivada pelo pensamento de Castoriadis.

**Palavras-chave:** Imaginação criadora. Imaginação produtora. Imaginário social.

### **Bibliografia**

CASTORIADIS, Cornelius. *A instituição Imaginária da Sociedade*. Trad. Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas do Labirinto 1*. Trad. Carmen Sylvia Guedes e Rosa Maria Boaventura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas do Labirinto 3: o mundo fragmentado*. Trad. Rosa Maria Boaventura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

RICOEUR, Paul; CASTORIADIS, Cornelius. *Diálogo sobre a História e o Imaginário Social*. Trad. Gonçalo Marcelo e Hugo Barros. Lisboa: Edições 70, 2016.